

Ciberativismo, movimentos sociais contemporâneos e Grêmios Estudantis: redes rizomáticas em debate

*Patrícia Scandola*¹
*Geovana Mendonça Lunardi Mendes*²
*Emerson César Campos*³

Resumo

Este artigo se deriva de um estudo etnográfico no ciberespaço, tomando como fonte a página virtual do Grêmios Estudantis do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, denominada *Resistência*. As principais reflexões desenvolvidas tratam dos movimentos sociais contemporâneos, ciberativismos e os processos pelos quais estes se interconectam a um Grêmios Estudantis em rede. A partir do plano de evidências empíricas estabelecemos o diálogo entre os diferentes pesquisadores em seus universos de pesquisa acerca das redes rizomáticas e as atividades políticas no contemporâneo. Assim, o Grêmios Estudantis *Resistência* é aqui entendido como um espaço focado nas ações políticas e organizativas na ambiência escolar interconectado em rede virtual com atores diversos, oriundos de movimentos sociais, ressignificando sentidos em novos espaços políticos. O ciberespaço como arena relacional se torna lugar profícuo para os estudantes exercitarem atuações sociais e políticas e pode funcionar como local potencializador e possibilitador de experiências participativas de largo alcance.

Palavras-Chave: Grêmios Estudantis; ciberativismo; movimentos sociais contemporâneos. rizoma.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, PPGE - UDESC.

patyscandola@gmail.com

2 Doutora em Educação e Pesquisadora e Professora do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE, FAED/UDESC.

geolunardi@gmail.com

3 Doutor em História e Professor Pesquisador do Programa de Pós-graduação em História-PPGH, FAED/UDESC.

ecdcampos@yahoo.com.br

Cyberactivism , contemporary social movements and Student Government: rhizomatic networks in debate

Abstract

The ways of interacting with the world, the perceptions that underlie self and other, and the ways in which we orient our practices are constantly changing and unstoppable on the multiple forms of sensory communication existing in contemporaneity. Social processes, from this perspective, we complicate further, accelerated and invaded by a whirlwind of information and places to find them, tensing and raising the need of belonging virtual realities, as well as reflective of this phenomenon looks. This article derives from a dissertation prepared under the cyberspace studies whose methodological basis an ethnographic study, from the perspective of an ethnography of cyberspace, taking as the virtual page locus Sorority College Student Application of the Federal University of Santa Catherine called Resistance. Aiming main reflections on contemporary social movements, ciberativismos and the processes by which these are interconnected to the student-body network. Among the reflections undertaken pointing up the student-body resistance with the possibilities to interconnect virtual network with people from diverse actors of social movements. Where cyberspace while relational arena becomes fruitful place for students to exercise experiences related to social and political action and can function as an enhancer and enabler of location -reaching participatory experiences.

Keywords: Student-Body; cyberactivism; contemporary social movements; rhizome.

O mundo não está deslizando, mas avançando a passos largos na direção de uma nova distopia transnacional. Este fato não tem sido reconhecido de maneira adequada fora dos círculos de segurança nacional. Antes, tem sido encoberto pelo sigilo, pela complexidade e pela escala. A internet, nossa maior ferramenta de emancipação, está sendo transformada no mais perigoso facilitador do totalitarismo que já vimos. A internet é uma ameaça à civilização humana. (ASSANGE, 2013, p. 25).

A visão distópica alertada por Assange (2013), no início deste artigo, objetiva polemizar o fenômeno posto em destaque neste texto, o ciberativismo e suas diferentes manifestações. Mobilizados pela desconfiança do que acontece nas redes virtuais, especialmente no âmbito deste artigo, discutimos e analisamos a forma como o Grêmio Estudantil, uma agremiação notadamente escolar, reinventa-se a partir da existência na vida virtual.

O mundo virtual pode, simbolicamente, ser compreendido como um vasto universo em desenvolvimento, aproximando-se das definições propostas por Gilles Deleuze e Félix Guattari, ao explicarem o crescimento incessante de redes rizomáticas, sem começo e nem fim, em um contínuo *intermezzo*, um *platô*⁴, sempre um meio pelo qual cresce e transborda as múltiplas representações do real e da realidade virtual. No rizoma, as linhas de fuga e as possibilidades de conexões, mestiçagens e cortes são múltiplas e infinitas, estabelecendo novas formas de trânsitos possíveis por entre seus inúmeros devires que rompem com as estruturas hierárquicas e piramidais, aproximando-se da transversalidade.⁵ Coletivos nômades e inexatos, onde nada é fixo, há apenas linhas e trajetórias múltiplas, uma circulação de estados que não remetem necessariamente a outra coisa, mas possibilitam conexões transversais entre os estados e níveis, sem centrá-los ou cercá-los.

Para os conhecidos como idealistas da rede (HEIM, 1999), qualquer semelhança entre o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995) e o mundo cibernético não é mera coincidência. Acreditam ser o ciberespaço também estruturado a partir de linhas e pontos interligados e que os seus conteúdos compartilhados são de natureza diversa ou inexistentes, existindo a partir daí a multiplicidade sem unidade centralizadora proclamada por Deleuze e Guattari (1995). Compartilham da ideia de

4 Gregory Bateson serve-se da palavra “platô” para designar algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda a orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior. É um traço deplorável do espírito ocidental se referir as expressões e as ações a fins exteriores ou transcendententes em lugar de considerá-los num plano de imanência segundo seu valor em si (DELEUZE GUATTARI, 1995).

5 Conceito de Félix Guattari, “Transversalidade” em oposição a uma verticalidade e a uma horizontalidade. A noção de transversalidade aplicada ao paradigma rizomático seria a base da mobilidade por entre as redes rizomáticas.

que, apesar de algumas tentativas, não há ainda nenhum comando totalizador em sua estrutura que hierarquize suas interligações, e se isto viesse a acontecer, estaríamos na presença de uma doença que atacaria os rizomas, que os autores denominam de Rizomatose, sendo sua prevenção a manutenção do nomadismo, fenômeno que para os idealistas também se concretiza na *internet*.

Contrários ao idealismo virtual há outra categoria de analistas da rede que Heim (1999) chama de realistas ingênuos, movidos pelo medo, principalmente, o medo de que a *internet* se transforme no maior mecanismo de controle que o homem já experimentou em seus complexos jogos de poder, o medo de que o mesmo poder da elite que antes moveu átomos na medida em que perseguiu uma ciência sem consciência, agora mova *bits* que governam o mundo computacional. Aqui caberia uma alusão ao Grande Irmão do livro *1984 de Orwell*. Coincidência ou não, o ano de 1984 é o ano em que a rede global de computadores é nomeada de Protocolo Internet. A *internet*, que tem sua origem como máquina de combate, um dispositivo utilizado para monitorar e controlar informações, acaba atravessada por estranhas desterritorializações que a transforma também em uma máquina de cooperação social, tornando-a, para além de suas funções originais, um dispositivo de relações sociais de trocas de conhecimento e informações que transpassam os meios originais de transporte de dados científicos, financeiros e militares. Assim, o ano de 1984 pode ser compreendido como fundante do ciberespaço e do ciberativismo, que nomeia as ações consideradas coletivas e coordenadas por movimentos sociais por meio da comunicação distribuída em rede interativa e virtual.

Heim (1999) finaliza sua análise afirmando que nenhuma dessas posições nos ajuda a compreender o que está acontecendo e propõe uma análise dialética a partir do que chama de realismo virtual que seria a mediação entre o realismo ingênuo e o idealismo das redes. “O realismo virtual vai ao encontro do destino sem ficar cego às perdas que o progresso traz. [...] Só assim se pode sustentar a oposição como a polaridade que continuamente produz faíscas do diálogo, e o diálogo é

a vida do ciberespaço” (HEIM, 1999, p. 41).

Imbuídos dessa perspectiva, o objetivo deste artigo é socializar algumas reflexões oriundas de um empreendimento de pesquisa⁶, tomando por objeto de estudo o campo de evidências construído a partir da pesquisa etnográfica realizada em um grêmio estudantil. Analisando a “vida” virtual desse grêmio, apresentamos um conjunto de contribuições para pensarmos as interlocuções possíveis entre ciberativismo e agremiações locais e os tensionamentos provocados na ação política dos indivíduos.

Desse modo, organizamos o texto apresentando inicialmente um conjunto de percepções advindas das reflexões sobre o campo empírico, enfatizando as relações entre Grêmio Estudantil, ciberativismo e movimentos sociais. Por fim, à guisa de conclusões, destacamos as implicações dessas relações para pensarmos a própria formação política e, nesse sentido, os próprios espaços de formação.

1 Do Grêmio Resistência para o ciberativismo: conexões no ciberespaço

É para quem está cansado de dar opiniões e não ser ouvido. É para quem quer poder dar opiniões e ser ouvido. É para pessoas que não querem ser somente representados. É para quem não tem medo de expor sua própria opinião (GRÊMIO RESISTÊNCIA, 2016).

O território das lutas sociais, com o surgimento do ciberespaço, não só se expande como se complexifica. É nesse cenário de interconexões que surge a página virtual *Resistência*⁷, vinculada ao Grêmio Estudantil do Colégio de Aplicação da UFSC⁸, apresentando símbolos políticos de luta, como o anarquismo (por meio de representação visual-ideológica) em confronto com o espaço institucionalizado da escola.

6 A maior parte das reflexões aqui apresentadas derivam da dissertação originalmente de uma das autoras: SCANDOLARA, Patrícia. Cartografias rizomáticas entre ciberativismo e Grêmio Estudantil. Florianópolis, 2014. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGÉ - UDESC.

7 Link da página social do Grêmio *Resistência*: <http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>

8 Universidade Federal de Santa Catarina.

Figura 1 – Imagem da campanha utilizada pelo Grêmio Resistência



Fonte: Grêmio *Resistência* (2016, POSTAGEM 09/04/2012)

Em um levantamento dos perfis dos 357 membros inscritos na página virtual, identificamos que 96 são alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC; 45 são alunos do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da UFSC; 7 são professores do Colégio de Aplicação da UFSC; 83 se apresentam como alunos da UFSC, sendo importante ressaltar que vários alunos do Colégio de Aplicação se apresentam como alunos da UFSC, já que o colégio está vinculado ao *campus* da universidade; 3 membros se apresentam como alunos do IFSC e 5 como alunos da UDESC. O restante que contabilizam 118 membros está sem identificação que os vincule a alguma instituição ou são alunos de outros colégios e universidades.

Os movimentos hoje se dão em espaços híbridos e o que concebemos como ciberespaço não é mais um espaço social segregado, à margem da vida cotidiana. Não entramos mais na *internet*, pois antes ela nos atravessa de diferentes formas. Segue-se na perspectiva de que existem misturas, multiplicidades, mútuas determinações e, tendo em vista a própria multiplicidade de abordagens sobre o tema, seria inviável construir uma única linha de raciocínio que as unificasse. Assim, não se trata de definir ciberativismo, movimento social ou grêmio estudantil, mas de construir uma cartografia rizomática de conceitos e perspectivas diversas e, muitas vezes, diferentes entre si, em que não se busque difundir uma proposta acabada para as questões atuais acerca do ciberespaço. É antes um descongestionar de olhares para a multiplicidade de reflexões e práticas que não se constituem como totalidade derivada da soma de suas partes,

que unificaria todos os pontos de vista em uma perspectiva restauradora.

Nessa perspectiva, entendemos o ciberativismo como um fenômeno que deriva dos movimentos sociais contemporâneos interconectados às redes sociais virtuais, apresentando a transnacionalidade, o descentramento nas lutas e a pluralidade organizacional como algumas de suas principais características que se aproximam da filosofia política de Deleuze e Guattari (1995):

Essa situação é ainda mais paradoxal quando vemos que estão chegando ao fim os tempos em que o mundo se encontrava sob a égide do antagonismo, projeção amplamente imaginária da oposição classe operária/burguesia no seio dos países capitalistas. Será que isso quer dizer que as novas problemáticas multipolares virão substituir as antigas lutas de classe e seus mitos de referência? [...] parece provável que essas problemáticas, que correspondem a uma complexificação extrema dos contextos sociais, tenderão a se deslocar cada vez mais para o primeiro plano. (DELEUZE ; GUATTARI, 1995, p. 10).

Os autores avançam deslocando o eixo político da liberdade civil para o domínio dos fluxos, sendo contrários à ideia de que por lhe ser interior, o direito é incapaz de controlar o Estado, questionando a ideia de que as sociedades se definem por seus modos de produção e por seus antagonismos.

As oposições dualistas que guiaram o pensamento social chegaram ao fim. Os antagonismos de classe herdados do século XIX contribuíram inicialmente para forjar campos homogêneos bipolarizados de subjetividade. Mais tarde, durante a segunda metade do século XX, [...] a subjetividade operária linha dura se desfez. [...]. Um mesmo sentimento difuso de pertinência social descontraíu as antigas consciências de classe. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 10).

Apresentam dois grandes conceitos concebidos como máquina de guerra e aparelho de estado (1997). Potencializados como uma resistência às forças que limitam o pensamento às supostas necessidades históricas e à reprodução das exigências do mercado, apontam novas direções para se compreender as sociedades: não defini-las por suas contradições, mas por suas linhas de fuga; considerar não as classes e sim as minorias como potências revolucionárias; definir as máquinas de guerra não

pela guerra, mas antes pelo modo de ocupar e de inventar novos blocos espaços-temporais.

Deleuze e Guattari (1995) buscam incitar o apoio aos movimentos que tentam escapar do controle dos axiomas capitalistas. Os movimentos sociais para Melucci (1989) são laboratórios produtivos para se refletir sobre as transformações que estão em curso, entendidos como expressão de um conflito, signos que anunciam por meio da palavra, tal qual profetas do presente, uma profunda mutação na lógica e no funcionamento das sociedades no Tempo Presente. Para pensar tais questões, é necessário decompor os elementos da ação coletiva contemporânea, assumir uma perspectiva analítica da ação coletiva. O que estaria em jogo para o autor é a observação de uma mudança importante nos movimentos sociais: o acesso ao significado se converte em novas formas de poder e conflito e são definidos como redes de solidariedade com fortes conotações culturais que desafiam o discurso dominante e os códigos que organizam a informação e dão forma às práticas sociais. Nessa perspectiva, a Sociologia Alemã na década de oitenta apresenta o termo “Novos Movimentos Sociais” (NMS) num afastamento da concepção marxista ortodoxa que centra sua ação coletiva na luta de classes e assim não estaria apta a acompanhar a complexidade da sociedade e seus atores sociais que não se restringiam mais à classe operária, mas abarcariam novas minorias (feminismo, estudantil, pacifistas, ambientalistas etc.). Desse modo, os NMS estariam orientados não apenas por interesses, mas por ideias e valores pós-materiais que visam, sobretudo, espaços numa sociedade plural e complexa. Ressaltamos que tais movimentos se articulam por meio de redes, constituindo pautas reivindicatórias coletivas, convergindo interesses, organizando ações conjuntas e buscando visibilidade social. Por isso, tais pautas subsistem a despeito da efemeridade dos participantes que delas entram e saem livremente, a exemplo do espaço virtual forjado pelo ciberativismo.

Apesar de valiosas as contribuições de autores como Touraine (1994) e Melucci (1999) em seus reconhecimentos escalares das mudanças sociais em curso e em seus apontamentos de uma sociedade planetária, identificando os novos movimentos no cenário global, o afastamento do

marxismo ortodoxo presente acaba por sugerir que estariam as lutas de classes perto de sua superação. Portanto, também, estariam superadas algumas características que tradicionalmente as acompanham como a luta pela terra e o sindicalismo. Porém, acreditamos que a ideia central não é a superação no sentido de extinção de lutas antigas, mas sim as ampliações e reconfigurações, por exemplo, movimentos que defendem a luta pela terra também reivindicam uma maior participação cidadã, que envolve um novo tipo de cidadania com participação ativa dos cidadãos no sistema político de seus países e, ainda, movimentos sindicais que têm em pauta questões globais inseridas no respeito aos direitos humanos.

Apesar dos avanços em relação às perspectivas anteriores, os NMS ainda se mostram insuficientes nas análises relacionais entre o particular e o universal, o local e o global, pois aquilo que conhecemos como local está *in natura* inserido no global, que por sua vez influi no plano local. Dessa forma, o local deixa de ser meramente um receptor para desempenhar um papel ativo que gera consequências no global, numa dinâmica social em que não existem domínios puramente globais, regionais, locais ou familiares. Isto não significa que tais esferas ou a oposição entre elas inexistem, mas sim que há uma oposição e contaminação mútua e constante.

Castells (1999) analisa os cibermovimentos pioneiros como o Movimento Zapatista no México e traça duas principais características para os movimentos sociais contemporâneos que tornam a *internet* um componente vital para eles. A primeira é que necessitam dos sistemas de comunicação para trabalhar os princípios e valores do modo de vida que defendem. A segunda característica é que esses movimentos precisam representar uma alternativa em relação à crise das organizações políticas verticais e engessadas, tendo como foco a sociedade, e não o Estado. Eles objetivam o debate e a mobilização pública, possuem o foco na discussão e para isso necessitam de uma comunicação eficiente e abrangente. Explicitam a necessidade de sair das análises centradas na luta material no mundo do trabalho e na pura e simples conquista do aparelho do Estado, “ênfatizando que os conflitos sociais mobilizam atores que lutam para se apropriar da possibilidade de dar sentido ao seu agir” (MELUCCI, 1994, p. 98). Talvez pela reconfiguração atual da noção de Estado,

como sendo somente um nome que atribuímos de maneira complexa e relativamente confusa ao governo do povo ou governo de ninguém, instituído por uma complexa e cruel burocracia, como uma unidade inalcançável e pouco reconhecível. Ou ainda pelo fato de que quem nos apresenta a origem do Estado é a história, que por sua vez é sempre contada a partir da perspectiva dos vencedores, a imagem dos vencedores que são os únicos que podem continuar vencendo, tendo como efeito a abdicação de parte da liberdade individual diante do medo da força do coletivo, como um poder comum que mantém a todos em respeito. Tais reflexões indicam que ideias como a de Estado e democracia, mesmo depois de comumente aceitas, podem ser reformuladas e ressignificadas, ou mesmo abandonadas, levando-nos a proposições diferentes. Deleuze e Guattari (1995) sugerem que tais transmutações são fugas criadoras que se encontram em perpétua coexistência e interpenetração e remetem a sistemas de fluxos mutantes, o que não impede, pelo contrário, sua pressuposição recíproca. Os autores propõem uma visão original sobre o que denominam centros de poder e Estado, pensado como agenciamento de reterritorialização ou movimento de sobrecodificação que organiza a ressonância dos centros de poder.

Ao longo de uma grande história, o Estado foi o modelo do livro e do pensamento: o filósofo-rei, a transcendência da idéia, a interioridade do conceito, a república dos espíritos, o tribunal da razão, os funcionários do pensamento, o homem legislador e sujeito. É pretensão do Estado ser imagem interiorizada de uma ordem do mundo e enraizar o homem. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

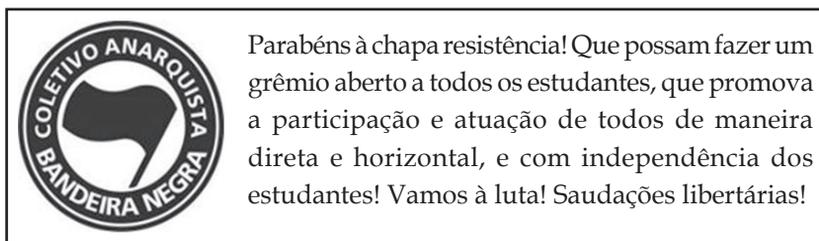
Os fenômenos coletivos contemporâneos, se vistos, simplesmente, à luz da estrutura, podem emitir uma imagem turva e dar a impressão de um objeto empírico unitário, o que não condiz com as relações ocorridas em seu interior. Melucci (1994) é contrário à ideia clássica de movimento social, como unidades fáticas, nascido quase de modo determinado a partir de condições estruturais dadas ou de valores, ideologias e crenças generalizadas em certos setores da população. Para ele, trata-se de um processo por explicar e não um dado assumido *a priori*, o que rompe com a dialética ou com a concepção romântica de que os novos movimentos são novas formas de poder que provocam novas violências e novas injustiças.

O autor apresenta como um marco da sociedade contemporânea o fato de que os conflitos emergem nas áreas em que os aparelhos de controle intervêm e definem de modo heterogêneo as identidades individuais e coletivas, até provocar que os indivíduos reclamem seu direito de serem eles mesmos e quebrem os limites de compatibilidade do sistema social com aquele que dirige a ação.

Nesse sentido, o Grêmio *Resistência* em sua versão virtual se forma como um espaço de reclame de direitos, como o destaque que fizemos na abertura desta sessão: “É para quem está cansado de dar opiniões e não ser ouvido. É para quem quer poder dar opiniões e ser ouvido. É para pessoas que não querem ser somente representados. É para quem não tem medo de expor sua própria opinião” (GRÊMIO RESISTÊNCIA, 2016).

O Grêmio Estudantil do Colégio de Aplicação da UFSC é definido por alguns participantes de sua página virtual como *anarquista e não hierárquico*, “a chapa vai ter um sistema de organização anarquista, sem hierarquia”, “e eu gosto da anarquia”, “mais um guerrilheiro!”, “nem todos são anarquistas, mas são todos pelo menos simpatizantes” (GRÊMIO RESISTÊNCIA, 2016). A alusão anárquica presente nos debates, talvez em larga medida, indica os coletivos com bases anarquistas que se fazem presentes tanto na página virtual do grêmio, quanto nas redes sociais em geral, como o Movimento Passe Livre⁹ e o Coletivo Bandeira Negra que saúda a vitória da Chapa *Resistência* com esta postagem:

Figura 2 - Coletivo Bandeira Negra



Fonte: Grêmio Resistência (2016, POSTAGEM 29/04/2012).

9 O Movimento Pelo Passe Livre (MPL) será discutido mais adiante neste mesmo platô.

O Coletivo Bandeira Negra se apresenta como uma organização específica anarquista catarinense que defende o anarquismo social. Os textos presentes em sua página virtual¹⁰ explicam o anarquismo social como uma vertente do anarquismo mais próxima do anarco-comunismo e do anarco-sindicalismo. Em síntese, defendem soluções comunais para os problemas sociais. Contudo, é preciso frisar que são contrários ao comunismo estatal ou o que conhecem como comunismo autoritário e se unem as outras vertentes anarquistas no desejo de maximizar as liberdades individuais e acabar com o domínio estatal e o capitalismo. Os anarquistas sociais defendem em geral uma autogestão comunal dos meios de produção e distribuição, com possessões pessoais de objetos de uso, mas não daquilo que foi usado para fabricá-los. Assim, reconhecem em alguma instância a importância da posse e do espaço individual. Em síntese, o anarquismo pode significar comunidades federadas e autônomas, como sugere o MPL: “Surge então um movimento social de transportes autônomo, horizontal e apartidário, cujos coletivos locais, federados, não se submetem a qualquer organização central” (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013, p. 15).

Os integrantes da Chapa Resistência afirmam que todos os alunos do colégio compõem o Grêmio tendo os mesmos direitos na apresentação de propostas, convocações e desenvolvimento de reuniões,

A chapa resistência não contém integrantes, mas sim colaboradores não importa nome, quantidade ou série, quem participa dela é quem se compromete e quem colabora. Não temos hierarquia. No final o Grêmio é constituído por todos os alunos do colégio, e sua função original é essa, porém vem sendo esquecida durante o tempo. Esse é um espaço que além de servir para expor nossas ideias, é um espaço onde todos podem deixar suas sugestões e questionamentos (GRÊMIO RESISTÊNCIA, 2016).

Nas análises das propostas e apresentações da Chapa *Resistência*, percebe-se sem muito esforço uma semelhança com algumas características dos movimentos sociais contemporâneos, em que a centralidade do sujeito pré-determinado e específico criado pelas contradições do capitalismo presente nos movimentos marxistas é

10 Link para página virtual do Coletivo Anarquista Bandeira Negra: <http://www.cabn.libertar.org/>

eliminada. Assim, o sujeito se apresenta também para os integrantes da Chapa *Resistência* como um coletivo difuso e não hierarquizado, baseado na solidariedade mútua com ações que buscam uma transformação mais focada em diálogos com a sociedade do que em disputas de poder, características que potencializam a importância da comunicação em suas práticas. O Grêmio Estudantil e os cibermovimentos, nesse sentido, podem não possuir uma coordenação e um programa comum, mas atuam juntos em ações simbólicas e com organização descentralizada.

Assim, as mobilizações hoje se fazem em torno de temas, e as livres associações se organizam para certos objetivos, criando estruturas ou fóruns virtuais ligados a eles. É bem provável que isso seja cada vez mais utilizado. A preocupação central aqui parece ser a caracterização do Grêmio como espaço de luta estudantil nos mais variados níveis, tanto em âmbito local (Colégio, Campus da UFSC, bairro e cidade), quanto em questões mais específicas que abrangem com maior nitidez o nacional e global. A *internet* parece ser a principal facilitadora nesse processo de elevar, rapidamente, em nível global, ações que em um primeiro momento pareceriam apenas locais, “pensar localmente (respondendo a seus próprios interesses e identidade) e agir globalmente – no nível que realmente importa hoje” (CASTELLS, 2003, p. 118).

O ciberespaço hoje se destaca como um lugar de articulação para os movimentos sociais. Na história da militância política, os originários grupos de discussão virtual (dos quais derivam as redes sociais virtuais) inauguram uma base de sustentação da articulação política de movimentos feministas, ambientalistas e estudantis. O aparecimento do ciberativismo rompe com o ativismo social até então realizado no campo da comunicação social, sua dinâmica de organização, e as ações dos cibermovimentos estão, principalmente, ligadas à sua estrutura rizomática, aos baixos custos e à rapidez da comunicação possibilitada pela *internet*, que ativa a formação de redes de solidariedade e a execução e coordenação de ações coletivas globais, como a Batalha de Seattle em 1999¹¹. Depois de Seattle, uma rede aberta de produtores de informação com a finalidade

11 O marco público do movimento antiglobalização, mais de 100.000 pessoas saíram às ruas protestando contra a Organização Mundial do Comércio.

de cobrir os protestos, chamada *Indymedia*, foi criada em diversos países, apresentando a contrainformação na realização de ações coletivas por meio da apresentação de versões do conflito que contradizem as versões exibidas nos jornais e telejornais diários, reforçando a importância das agências alternativas de informações e do ciberativismo.

O mês de agosto de 2012 foi especialmente movimentado na página virtual do Grêmios que apresenta diversas postagens e debates referentes à greve na educação que então atingia o campus da UFSC e demais instituições de ensino de Florianópolis. As questões mais relevantes fazem referência à participação estudantil na greve (também inspiradas pelos estudantes mexicanos, o link para o documentário sobre o movimento estudantil chileno de 2006, *A Revolução dos Pinguins*, está disponibilizado na página).

Na tentativa de realizar uma assembleia oficial dos estudantes do CA que decidiria pela adesão ou não dos alunos a greve da educação (que até então tinha adesão apenas de alguns professores do colégio), o Grêmios encontrou uma resistência por parte dos professores que não haviam aderido à greve e se recusaram a liberar os alunos para participarem da assembleia. Diante disso, alguns alunos participantes do Grêmios barraram as entradas que dão acesso às salas de aula e chamaram a presença dos alunos na assembleia, atitude está bastante aplaudida e criticada em calorosos debates presentes na página virtual que discutiam, principalmente, noções do que seria ou não democrático ou democracia.

Não querendo voltar ao estado de caos, mas imagino que as pessoas que se manifestaram contra não tenham mudado suas opiniões de uma hora para outra. Queria falar sobre o que vocês estão chamando de 'falta de democracia', bem, antontem nós combinamos de realizar uma reunião ontem, dia 01/08. Nessa reunião, não pudemos tomar muitas atitudes, porque muitos dos alunos que estavam no colégio, se encontravam nas salas de aula enquanto acontecia a reunião. Nós concordamos com algumas pessoas que disseram que eles mereciam ter voz também, porque era um direito deles permanecerem nas salas, considerando, inclusive, que alguns professores estavam passando atividades avaliativas. Saiu daquela reunião, uma combinação de fechar as entradas às salas de aula no dia seguinte, 02/08, para a realização de uma ASSEMBLEIA ESTUDANTIL OFICIAL.

Isso foi combinado não para proibir os alunos interessados no aprendizado que seria repassado, mas para banir os professores de dar aula enquanto acontecia tal assembleia, para DAR DIREITO DE VOZ A TODOS OS ALUNOS. Na assembleia de hoje, tivemos espaço para debate e acreditamos que tenhamos dado voz a todos os presentes. Como vocês já sabem, houve uma VOTAÇÃO a respeito da aderência ou não à greve. O resultado foi de 62 alunos A FAVOR e 38 alunos CONTRA. Sei que a greve é um direito do indivíduo, mas podemos pensar que um professor que entra em greve, não será prejudicado, pois tem o dever de repor a aula perdida depois. Enquanto, um aluno que adere a greve, precisa do CONJUNTO, da turma, para ter sua luta legitimada, senão sabemos que será dada falta ou até será prejudicado no boletim. Penso que, como houve uma votação para saber se os alunos eram ou não a favor da participação na greve, o movimento que houve FOI SIM, DEMOCRÁTICO, diferente de alguns que gostariam de ir à aula independente do coletivo, o que EU considero uma atitude bastante individualista. Bem, essa é a minha opinião em relação a isso (GRÊMIO RESISTÊNCIA, 2016).

A Campanha pelo passe livre conciliou grande adesão com formas de ação direta¹² em Florianópolis. Um movimento também organizado horizontalmente, multifacetado, ligado principalmente, mas não somente, às associações comunitárias e estudantes. O MPL é o movimento com maior número de postagens e participações em debates virtuais na página virtual *Resistência*, e surge em meio a uma experiência concreta da luta contra o que entendem como exclusão urbana.

A forma como a população é excluída da organização da sua própria experiência cotidiana na metrópole, a partir de um sistema de transporte que limita a mobilidade do trabalhador apenas ao ir e vir do trabalho com catracas barrando o trânsito pela cidade. [...] E, no momento que se fortalecem as catracas, as contradições do sistema tornam-se mais evidentes, suscitando processos de resistência (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013, p. 14).

O Movimento pelo Passe Livre tem uma ligação histórica com os estudantes do CA da UFSC. Em 2012, alunas da disciplina de geografia do CA gravaram um documentário que narra as participações e

12 A ação direta é um dos preceitos anarquistas, em que o indivíduo não delega a ação às instituições nem a terceiros (representantes), utiliza métodos imediatos para produzir as mudanças que deseja ou para impedir práticas que considera indesejáveis.

o apoio dos estudantes do CA ao MPL. A partir das narrativas e entrevistas apresentadas no documentário, percebe-se o entrelaçamento existente entre a participação dos alunos do CA e a própria história da criação do movimento após as manifestações efetuadas na cidade de Florianópolis. As alunas aplicaram 70 questionários na comunidade escolar do CA que auxiliaram na construção do documentário. A partir das respostas concluíram que 84% das pessoas entrevistadas que compõem a comunidade escolar do CA apoia algum tipo de movimento direcionado à diminuição ou extinção da tarifa do transporte coletivo; 46% consideram que a tarifa deva ser abolida apenas para estudantes, enquanto que 42% acreditam que toda a população deveria ter acesso ao transporte público gratuito, e os 12% restante não apoiam a abolição da tarifa em nenhuma instância. Segundo as conclusões das alunas, 54% das pessoas entrevistadas declaram já ter participado de alguma manifestação referente à tarifa de transporte público, enquanto o apoio à participação dos alunos do CA no MPL e nas manifestações é de 88% dos entrevistados. Os questionários foram entregues aos alunos, ex-alunos, professores, ex-professores e funcionários em geral. Ainda sobre o documentário, é válido destacar o depoimento emocionado da orientadora educacional do CA, Maria Salete Magalhães, sobre as manifestações que ocorreram em 2004 e 2005. É comovente sua tristeza diante da lembrança de alguns de seus alunos sendo presos e agredidos por policiais, “o que choca é a truculência, quando a polícia está para proteger e não para atacar” (A TRAJETÓRIA..., 2016).

O efeito do movimento sobre o espaço dos conflitos relacionais decorre de uma ação coletiva que emana do movimento e “é resultante de objetivos, recursos e limites, isto é, uma orientação finalizada que se constrói por meio das relações que se estabelecem no interior de um campo de possibilidades” (MELUCCI, 2001, p. 46). As formas de vida democrática exigem, portanto, compreender a dimensão múltipla dos conflitos e as ações heterogêneas e, ao mesmo tempo, interconectadas dos *cibermovimentos*. Há então que se considerar a construção de uma identidade coletiva, uma identidade na política como um sistema de ação desenvolvido pelo grupo, o produto das trocas, negociações,

decisões e conflitos que se dão em seu interior. O exercício da ação coletiva só se dá pela capacidade de formação de interconexões e nós que agregam sentido a ela. Diante disso, pode-se considerar que ações coletivas implicam solidariedade e é “graças à solidariedade que nos liga aos outros que podemos nos reconhecer por meio de nossas ações e suportar a ruptura que o conflito insere nas relações sociais” (MELUCCI, 2001, p. 49). Apesar de se apresentar como anti-hierárquico e descentralizado, o Grêmio Estudantil *Resistência* (assim como alguns coletivos contemporâneos) apresenta em alguns debates um gasto energético considerável que transpassa seus conflitos externos e tem o intuito de manter uma espécie de organização e unidade interna, uma vez que em seus núcleos a heterogeneidade produz disputas em torno de significados, modos de ação e organização diferenciados. Analisando alguns dos debates da página virtual do Grêmio, percebe-se que para se manter como fenômeno coletivo sua manutenção precisa ser defendida com certo esforço e depende de negociações para manter uma unidade fluída baseada em suas complexidades e diferenças:

- Será que a melhor maneira de fazer isso não seria um manifesto ou algo do gênero? Abaixo assinado coisas do tipo. Já que acampar não sei se daria tanta ‘visão’ à população
- Não vejo resultados, mas como já foi feita, espero que seja mantido DIARIAMENTE os debates. Pois estão fazendo uso de um local público, então é interessante que seja para crescimento do intelecto dos presentes
- Eu quero ir as aulas é claro mas não quero ficar num colégio LIXO como tava ontem então eu não quero greve dos alunos. ESSA GREVE É DOS PROFESSORES!
- Não sei se você parou para se tocar, mas nosso colégio não é lixo. A greve não é apenas dos professores. É DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA PRINCIPALMENTE VOLTADO AO ENSINO FEDERAL. Se você puder pensar no bem do coletivo
- Sim, se tivéssemos a coerência dos professores, em deixar os alunos decidirem que posição iríamos tomar em conjunto o meio não precisaria acontecer
- Claro então eu acho pelo que conversei com muita gente eles não queriam nenhuma das duas greves, pois vamos ter q ter de ir talvez aos sábados e isso sim é chato. - Devemos respeitar os dois lados da moeda, coisa que não foi feita hoje com a ‘Assembleia’ de 100 alunos dos 300 do ensino médio é democracia?

- A reunião era aberta quem não assistiu foi porque não quis [...] Se a pessoa não tem maturidade pra conversar não tenho como adivinhar o voto dela foi a maneira mais justa de votar.
- Vocês não viram que foi VOTADO? (para TODOS ficarem sabendo). Com votos em papel (pois são bastantes pessoas e pode ocasionar erros de contagem) e com soluções diferentes do que impedir alunos de entrar e sair de um Colégio PÚBLICO.
- Acho que o que aconteceu, aconteceu. Indiferentemente das opiniões, sabemos que o passado é imutável e devemos aceitá-lo como tal, pensando nas atitudes que tomaremos, além. Temos um panorama, agora, e os alunos optaram pela greve democraticamente. Por que brigam pelo que já foi decidido? Façamos escolhas viáveis e não briguem pelo que já morreu. Espero que aqueles que foram contra a greve participem das atividades como o coletivo estudantil em que nos convertemos, hoje, pois, afinal, não somos uma democracia? Se o coletivo tivesse escolhido o boicote à greve, todos acataríamos ao juízo coletivo. Esperamos que todos estejam juntos, daqui pra frente, deixando as discrepâncias particulares de lado¹³ (GRÊMIO RESISTÊNCIA, 2016).

Ainda a partir da análise destes debates, percebe-se um aprendizado que se dá fora do contexto escolar (escola, sala de aula), e apesar de relacionar atores como professores e alunos, o debate se estabelece em espaço virtual, fora dos parâmetros convencionais de espaço-tempo da escola. Também deriva de uma relação que ultrapassa, simplesmente, a divergência entre as expectativas do coletivo e gira em torno de uma democracia que fermenta justiça social e participação. Neste caso, o modelo não rizomático, polarizado e tradicional, numa dimensão chamada de democracia agonística se mostra ineficiente para análise dos coletivos aqui explicitados (MOUFFE, 2003).

Observa-se na página do Grêmio Estudantil Resistência, a participação ativa de uma diversidade de atores sociais, como ONGs, movimentos sociais, sindicatos, organizações e associações estudantis de cunho local e global que possuem diversos objetivos e atuam de maneiras diferentes, mas estão unidos em torno de uma causa em comum que é a luta pelos direitos das minorias. “O Grêmio é só o microfone por onde os estudantes

13 Debate presente na página *Resistência* e faz referência a ação de fechamento das entradas para as sala de aulas efetuada pelos alunos para que todos participassem de uma assembleia estudantil em que seria decidida a posição dos alunos a respeito da greve da educação.

podem se expressar sobre questões envolvendo a escola e especificamente no nosso caso a universidade e os movimentos sociais que rondam a nossa esfera" (GRÊMIO RESISTÊNCIA, 2016). O ciberativismo atuando nas redes sociais virtuais dissemina as reivindicações e as lutas de grande parte das organizações e movimentos sociais contemporâneos, unindo-os e alcançando o Grêmio Estudantil *Resistência* por meio de sua página virtual. Assim, acredita-se que tal fenômeno pode ser caracterizado como sistema rizomático, ou seja, por uma heterogeneidade, pela descentralidade e horizontalidade na organização política. Como no rizoma, aqui também as possibilidades de conexões, mestiçagens e cortes são múltiplas e infinitas, estabelecendo novas formas de trânsitos possíveis por entre seus inúmeros devires que rompem com as estruturas hierárquicas e piramidais, aproximando-se novamente da transversalidade, com características como a transnacionalidade e a pluriorganização, como articulações discursivas que permitem criar cadeias de equivalência entre subalternidades identitárias de raça/etnia, gênero etc. (SCHERER-WARREN, 2013).

Como uma ação política gera outras, no momento em que os jovens optam pela participação nos grêmios, geralmente iniciam suas atividades reivindicando por melhorias no espaço físico da escola. Com o decorrer do tempo, passam a discutir temas de grande abrangência pública como projeto político-pedagógico, programas de cultura e lazer na unidade escolar, política educacional e universitária, violência, gênero, ampliando e interconectando as esferas de discussão e participação ativa. Nesse sentido, a *internet* possibilita e potencializa tal entrelaçamento do grêmio com outras organizações de luta social e política, não necessitando que os atores destas organizações passem necessariamente pela esfera da instituição escolar para alcançar uma inter-relação com os estudantes, quebrando com estruturas hierárquicas e burocráticas que existem no sentido de oferecer proteção e segurança aos estudantes, mas também revelam seu lado de encarceramento e detenção. O tema da segurança *versus* encarceramento esteve presente em um debate entre os participantes da página,

- Assim como para manter a segurança de todos, o colégio não vai permitir a saída dos alunos no intervalo, pois não podem ignorar que um aluno pode ter o risco de ser atropelado, por exemplo
- Todos são responsáveis, ou deveriam ser para fazerem o que bem entenderem e para voltar para as aulas no horário. Quem quiser sair, pode pular facilmente o portão. A situação atual, só faz com que isso seja motivo de 'revolta' dos alunos (GRÊMIO RESISTÊNCIA, 2016).

Nesse contexto, as decisões sobre a segurança e demais assuntos referentes aos estudantes são tomadas por uma instância superior sem a possibilidade de diálogo e participação da comunidade estudantil. O ciberespaço aqui amplia as possibilidades de interação entre a esfera pública e privada, contribui na transposição das barreiras citadas acima, uma vez que como já explicitado, permite a redução dos custos de participação e possibilita a formação de práticas capazes de estimular a participação nas questões políticas da esfera pública dos estudantes (principalmente, do ensino médio e universitário, aproximadamente 55% dos membros da página virtual do Grêmios *Resistência* se declaram como estudantes do ensino médio e universitários), podendo tornar o processo mais aberto para consultas, debates, deliberações, acompanhamento e acesso às informações, questões que parecem relevantes nas reivindicações dos alunos e professores na página virtual, "*É preciso trabalhar por descentralização de poder em esferas para além do grêmios. é preciso que haja pressão por diálogo, quando ele não nos é oferecido. é preciso que tenhamos espaços comuns e que entendamos que somos grupos que trabalham uns COM, e não uns CONTRA os outros*"¹⁴ (GRÊMIO RESISTÊNCIA, 2016).

Como processos de singularização ou como entende Guattari (1977), como uma micropolítica, os agenciamentos aqui são facilitadores que se apoiam uns aos outros e nunca se neutralizam. Assim, a micropolítica se apresenta como uma maneira de se sobrepor às tendências homogeneizantes capitalísticas e como expressão revolucionária da subjetividade coletiva. As lutas sociais para Guattari (1977) são processos de singularização. Se a normatização e a individuação excluem e serializam, a singularização liberta e inclui na diferenciação. Processo de singularização significa para ele, simplesmente, poder ser, como um

14 Postagem de um professor do CA na página virtual *Resistência*.

movimento processual e é o que confere à singularidade a potência de travessia em todas as estratificações e faz da singularização um processo transversal. Assim, toda vez que este processo é bloqueado, interceptado, congela-se em aquilo que se conhece como identidade.

Assim, o grêmio estudantil conectado amplia as possibilidades de interação, contribui na transposição das barreiras físicas e temporais, uma vez que permite a redução dos custos de participação e possibilita a formação de práticas capazes de estimular a participação nas questões políticas da esfera pública dos estudantes (principalmente, do ensino médio e universitário), podendo tornar o processo mais aberto para consultas, debates, deliberações, acompanhamento e acesso às informações. Pode ser compreendido como uma esfera pública repleta de recursos e oportunidades que proporcionam o diálogo, o debate de opiniões e as contribuições nas decisões políticas por meio de ações individuais/coletivas. Uma participação efetiva no debate público deliberativo, que torna viável a elaboração de projetos coletivos que reivindicam a participação política e o acesso às decisões de bem comum a uma parte maior da população. O cidadão cibernético aparece como um ponto de conexão em uma rede, as ações ciberativistas assim podem ser resumidas em iniciativas de conscientização e apoio, difusão de informações e eventos. É possível pensar na *internet* como uma rede rizomática virtual de deliberação e convocação cívica, potencializando as representações sociais e simbólicas de luta, convocando a participação física em eventos e fomentando debates virtuais.

2 Pensando em redes para redes: reflexões possíveis

O padrão que liga. Por que as escolas não ensinam quase nada sobre o padrão que liga? Será porque os professores sabem que levam consigo o beijo da morte, que tornará sem graça tudo o que tocarem, e assim estão sabiamente não desejosos de tocar ou ensinar qualquer coisa de real importância? Ou será que carregam o beijo da morte porque não ousam ensinar alguma coisa de real importância? O que há de errado com eles? Que padrão relaciona o caranguejo à lagosta, à orquídea, à prímula e todos os quatro a mim? E eu a você? E nós seis à ameoba em uma direção e ao esquizofrênico retraído em outra? (BATESON, 1986, p. 17).

Os dados coletados permitem que se efetuem apontamentos sobre as redes de movimentos sociais contemporâneos e as possibilidades comunicativas da *internet*. É possível, com base neles, destacar três elementos que possibilitam uma rápida agregação a página virtual do Grêmio *Resistência* não somente por alunos do CA, mas também de um grande número de universitários, ciberativistas e visitantes em geral: a autonomia proclamada, a espontaneidade nas discussões e, principalmente, o baixo grau de diferenciação tanto horizontal, quanto verticalmente. Porém essas mesmas características que agregam podem acarretar numa descontinuidade de suas ações como organização estudantil. Como nos movimentos sociais que interagem com o Grêmio *Resistência* por meio de sua página virtual, estas mesmas características citadas acima podem limitar suas ações políticas porque a ausência de liderança e de organizações pautadas em objetivos mais claros e definidos pode provocar uma diluição do movimento entre seus múltiplos interesses.

Nas análises das propostas e apresentações da Chapa que compõe o Grêmio *Resistência*, percebe-se que a busca por voz em um Estado que se quer democrático e sem hierarquia institucionalizada é o tema central, como um eco de discursos que se apresentam recorrentes nos movimentos sociais contemporâneos, onde é eliminada a centralidade do sujeito pré-determinado, aproximando-se mais de um coletivo difuso e não hierarquizado, baseado na solidariedade mútua com ações que buscam uma transformação mais focada em diálogos com a sociedade do que em disputas de poder.

O Grêmio Estudantil *Resistência* se caracteriza como um espaço de luta estudantil nos mais variados níveis e, apesar de não poder ser caracterizado como um movimento social em si, atua como um coletivo de estudantes que aglutina o discurso estudantil e faz ecoar suas questões, tornando possível que se possa sim percebê-lo como um possível movimento reivindicativo, característica que potencializa a importância da comunicação em suas práticas. Há que se considerar que o Grêmio Estudantil não é a expressão cabal do movimento estudantil, mas é uma área de deslocamento de uma rede que partilha da cultura desse movimento. Assim sendo, o Grêmio Estudantil *Resistência*, com as

possibilidades de se interconectar em rede virtual com atores diversos, estes oriundos de movimentos sociais, torna-se um lugar concreto de prática social e o ciberespaço como arena relacional se torna lugar profícuo para os estudantes exercitarem experiências referentes à atuação social e política e pode funcionar como local potencializador e possibilitador de experiências participativas de largo alcance. Esse tipo de interação tende a dinamizar as relações entre os estudantes. Por meio das análises empreendidas nesta pesquisa, podemos inferir que a participação vivida pelos estudantes no Grêmio Estudantil em escala virtual pode contribuir com experiências ímpares e diversas, o confronto entre opiniões divergentes são realizadas com mais facilidade (principalmente, por aqueles alunos que têm dificuldades para expor suas opiniões em esferas presenciais) levam a uma participação maior nas discussões, resolução de problemas e proposição de soluções e, até mesmo, o exercício do pensar e discutir questões sociais mais ampliadas.

Desse modo, o Grêmio Estudantil e os cibermovimentos atuam juntos em várias instâncias, efetuando ações simbólicas por meio de organizações descentralizadas, e a *internet* parece ser a principal facilitadora nesses processos de interconexões. Os dados coletados permitem que se efetuem apontamentos sobre as redes de movimentos sociais contemporâneos e as possibilidades comunicativas da *internet*, sugerindo que a união destes dois fatores facilita os encontros e as interpenetrações entre o ciberativismo e os estudantes do CA que participam de sua página virtual e possibilitam reflexões ampliadas sobre conceitos como democracia e participação pública. De acordo com o que Melucci (1999, p. 9) aponta como o “[...] vínculo entre as mobilizações coletivas visíveis e as formas menos evidentes de ação que realizam os indivíduos em suas múltiplas esferas”.

O ciberativismo é e será uma ferramenta cada vez mais essencial na mobilização e propagação de informações e discursos, bem como de convocação, reforçando a conexão das redes virtuais como a base para ações de maior repercussão social. Os educandos que participam e acompanham tais processos, seja por meio do grêmio estudantil conectado à *internet*, ou mesmo pelas redes sociais virtuais, apresentam potencialmente

maiores probabilidades de exercerem sua cidadania, reivindicando e disputando maiores espaços de participação e representação política. Os atores coletivos organizados, possuindo ou não projetos políticos, ao reivindicarem seus direitos à participação política e ao exercício de sua cidadania, indubitavelmente, geram implicações na democracia de seus respectivos países. Porém, no caso do ciberativismo as adesões às causas em luta não são controladas por quem as promove. Elas podem partir de um núcleo central, mas podem atingir espaços e instâncias das mais diversas e não previstas. Essa difusão rápida pode ser positiva em termos de repercussão, mas pode não ser suficiente para sustentar os processos de mudanças estruturais numa sociedade complexa.

Portanto, não significa colocar à prova a capacidade do ciberespaço de, isoladamente, resolver os problemas que inquietam os processos democráticos contemporâneos, embora não seja essencialmente um instrumento arrasador, com um extremado poder de transformação ou democratização, como “uma entrada forçada pela porta de um novo mundo” (AGAMBEN, 2006). Ele permite a organização e a proliferação de mobilizações de rua em várias partes do mundo, circulação de manifestos, protestos, depoimentos, imagens e petições por meio dos correios eletrônicos e redes sociais virtuais. E é justamente nessa ligeira diferença, nesse mínimo deslocamento, onde tudo se encontra um pouco fora do lugar, é que talvez resida a autêntica revolução e suas resistências.

Referências

A TRAJETÓRIA do Colégio de Aplicação no Movimento Passe Livre. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ysBzubVP3kI>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

AGAMBEN, G. Movimento. *Revista internacional interdisciplinar inthertesis*, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 1-8, jan./jun. 2006. Trad. Selvino José Assmann.

ASSANGE, J. *Cypherpunks*. São Paulo, Ed. Boitempo, 2013.

BATESON, G. *Mente e natureza: a unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

GREMIO RESISTÊNCIA. Disponível em: <<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

GUATTARI, F. *Psicoanálise e transversalidade*. Buenos Aires: Editora Siglo XXI, 1977.

HEIM, M. A dialética do ciberespaço. In: HEIM, M. *A dialética digital*. Novos ensaios sobre novas mídias. Cambridge, Mit Press, 1999. p. 1-52.

MELUCCI, A. Um objetivo para os movimentos sociais? *Lua Nova*, São Paulo, jun. 1989, n. 17, p. 49-66.

MELUCCI, A. Ainda movimentos sociais: uma entrevista com Alberto Melucci. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 40, p. 1-15, 1994.

MELUCCI, A. *Ação coletiva, vida cotidiana e democracia*. Pedregal de Santa Tereza: Centro de Estudos Sociológicos, 1999.

MELUCCI, A. *A invenção do presente*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOUFFE, C. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. *Revista política & sociedade*, Florianópolis. Ano 3, p. 1-16, out. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/2015/1763>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

MOVIMENTO passe livre. PASSE LIVRE. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. *Cidades Rebeldes*, 2013. Organização Boitempo Editorial e Carta Maior, São Paulo. Disponível em: <<http://mplfloripa.wordpress.com/>>. Acesso em: 23 maio 2013.

SCHERER-WARREN, I. Redes de movimentos sociais na América latina: caminhos para uma política emancipatória? *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, set./dez. 2013.

TOURAINÉ, A. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Recebido em 08/04/2014
Aprovado em 07/12/2015